

A VIDA IMITA A ARTE: APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA NO ROMANCE JULIETA COISA E TAL VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM LUGARES NOS ENCONTROS GEOGRÁFICOS COM A LITERATURA

Ana Carolina Nunes de Azevedo ¹
Maria Augusta Mundim Vargas ²

RESUMO

Esse artigo objetiva analisar o sentimento de pertencimento e identidades do lugar pelas relações entre geografia e literatura direcionadas pelos conceitos da fenomenologia e da geografia cultural. Enfatiza-se a análise das relações sociais e espaciais no romance Julieta, Coisa e tal, escrito por Osmar Rodrigues Marques e ambientado na cidade de Caxias-MA nos anos de 1970/80. A pesquisa documental e bibliográfica e, a realização de percursos etnogeográficos nos lugares referenciados pelo romance foram fundamentais para aproximar e entender a realidade do lugar e o cotidiano dos envolvidos bem como apreender os nexos entre geografia e literatura.

Palavras-chave: Geografia e Literatura; Lugar; Pertencimento; Identidades

ABSTRACT

This article aims to analyze the feeling of belonging and identities of the place through the relationships between geography and literature guided by the concepts of phenomenology and cultural geography. The analysis of social and spatial relations is emphasized in the novel Julieta, Coisa e tal, written by Osmar Rodrigues Marques and set in the city of Caxias-MA in the 1970s/80s. Documentary and bibliographical research and carrying out ethnogeographical journeys in the places referenced by the novel were fundamental to approaching and understanding the reality of the place and the daily lives of those involved, as well as understanding the links between geography and literature.

Keywords: Geography and Literature; Place; Belonging; Identities

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, anaazevedo@geogmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, gutamundimvargas@gmail.com

A literatura em sua naturalidade proporciona a geografia reflexões e abordagens de suas categorias geográficas, trazendo em sua essência uma infinidade de discussões relacionadas às ações do meio. É relevante mencionar a capacidade que a geografia tem de se encontrar nas artes literárias, facilitando um entendimento do que poderia ser os conflitos e ações do cotidiano, tais como: conceitos da dinâmica territorial e ambiental, disputas territoriais em seus costumes e práticas, a ideia de identidades do lugar, elementos e construção da paisagem entre outros conceitos da ciência geográfica, que vai pontuando de maneira objetiva cada etapa do mundo literário.

É na relação entre geografia e literatura que esse trabalho objetiva analisar o sentimento de pertencimento e identidades do lugar, direcionadas pelos conceitos da fenomenologia e geografia cultural. Tomamos como objeto de análise a obra literária *Julieta, Coisa tal*, escrita por Osmar Rodrigues Marques. Publicada em 1986, o texto traz em seu contexto a história de um prostíbulo muito conhecido na cidade de Caxias, estado do Maranhão, chamado Casa Amarela. E, é pela descrição do cotidiano do prostíbulo que o autor desvela o lugar Casa Amarela e lugares de Caxias, a identidade e identidades de Julieta numa trama constitutiva do sentimento de pertencimento.

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, lugares de infância, o ambiente que atrai sua presença - terras que ele pisa, o bairro, a praça, seus deslocamentos cotidianos pela cidade. A realidade geográfica exhibe as vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens. Ela o restringe e o aprisiona, ata-o à “gleba”, horizontes estreito imposto pela vida ou pela sociedade a seus gestos e a seus pensamentos. A cor, o modelador, os odores do solo, o arranjo vegetal se mistura com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes (DARDEL, 2015). É na mistura dessas lembranças que Rodrigues Marques natural de Caxias-MA escreve o romance com o intuito de desvelar e aproximar a realidade das vivências e experiências de sua terra natal.

Em consideração a realidade geográfica trazida pelo romance, buscamos identificar os elementos geográficos presentes no texto com a realização de um estudo que possibilitasse compreender as diferentes maneiras de ver e sentir o lugar caxiense, nas ações, vivências e experiências dos personagens junto ao espaço do prostíbulo. O autor com sua sensibilidade para descrever o lugar, encontra na vida das moças do prostíbulo Casa Amarela e dos rapazes e homens que frequentavam aquele recinto as bases necessárias para elevar as discussões sobre a

realidade, daquele meio. A vida da personagem principal Julieta, tornou-se o direcionamento primordial para Rodrigues Marques e, sua existência proporcionou momentos de inspirações para os relatos sobre a dinâmica do espaço Caxiense.

O presente trabalho integra uma pesquisa de mestrado pautada nas discussões referentes ao elo entre geografia e literatura. A pesquisa foi fundamentada em levantamento bibliográficos junto a autores que relatam a relação entre geografia e literatura, sendo esses os responsáveis pelo direcionamento das ideias do objeto de estudo: ALMEIDA (2010), ALMEIDA (2018) BROSSEAU (2007), CASTRO (2015), DARDEL (2015), MARANDOLA JÚNIOR (2010), MONTEIRO (2019), RELPH (1979). Utilizamos documentos referentes a geobiografia do autor (fotos, jornais) dos anos 1970/80 período da construção e desvelar do enredo, esses documentos foram adquiridos no Instituto Histórico Geográfico de Caxias – IHGC e Academia Caxiense de Letras.

Na expectativa de conhecer as distintas formas de apropriação e criação do sentimento de identidade, por meio das ações dos personagens da obra “Julieta, Coisa e Tal” , realizamos uma análise da obra, acreditando em sua relevância para o reconhecimento da identidade dos personagens através de suas ações e comportamentos. Para tal, procedemos a uma decodificação da obra agrupando lugares, pessoas, expressões de sentimento etc. Arelada a esse contexto realizamos um percurso etnográfico com o objetivo de conhecer a realidade local e aplicação de entrevistas com populares que conheceram a realidade do prostíbulo Casa Amarela.

Como objeto de análise, pode-se, no discurso, apreender a elaboração e a comunicação de um saber sobre os lugares, sobre as paisagens e sobre os territórios. A metáfora aqui é entendida no seu sentido mais amplo. É uma maneira, uma modalidade capaz de transportar, até como significado, as coisas, os lugares e os sujeitos e de estabelecer entre coisas, lugares e sujeitos relações semânticas, epistemológicas. Por revelar as realidades por meio de discurso, a metáfora é, pois, de uma importância fundamental. (ALMEIDA, 2018.p.29)

Além dessa introdução o texto se desenvolve em três seções, sendo a primeira dedicada ao diálogo com autores que nos instigaram estudar o romance Julieta Coisa e tal como uma aproximação entre a geografia e literatura. Em seguida, trazemos parte de nossas ‘descobertas’ sobre os sentimentos de pertencimentos expostos por Julieta e personagens de seu entorno, conectados as vivências e experiências no lugar Casa Amarela e nos lugares de Caxias. Em seguida, trazemos algumas considerações reafirmando a proximidade do diálogo entre geografia e literatura.

O presente fundo histórico e teórico a respeito da geografia cultural pode interessar aos estudantes do espaço em obras literárias através de, pelo menos, dois pontos. Para Souza (2021) o primeiro ponto está relacionado aos estudantes da área de letras, se explica pelo fato de ser precisamente nesse subcampo da geografia que eles podem garimpar muitos dos conceitos e ideias que poderão enriquecer a sua abordagem do espaço; o segundo, relaciona-se aos estudantes da área de geografia, pois foi justamente por meio da abordagem cultural que essa ciência desenvolveu a perspectiva fenomenológica, passando a considerar os textos literários não somente como uma ilustração, mas principalmente como um ponto de partida.

Outro aspecto muito importante em relação à interface literatura e geografia cultural é que o isomorfismo compartilhado por essas duas áreas se dá, também, por meio da cultura. Isso porque a cultura é o principal tema desse subcampo da geografia, razão pela qual geógrafos humanistas deixaram a abordagem naturalista e abraçaram a abordagem fenomenológica. É satisfatório afirmar que a literatura se realiza por meio de palavras, isto é, da língua carregada de ideias e histórias de um grupo, como seu modo de ser no mundo. (SOUZA, 2021)

As descrições literárias do lugar geográfico possibilitam uma comparação entre as circunstâncias do real e imaginário, os efeitos do passado no presente, ambos decorrentes das transformações espaciais, que em seu ritmo acelerado avança junto ao processo de modelagem e significado dos lugares. É com esse sentido que ao identificar os lugares presentes no romance *Julieta Coisa e tal*, foi possível distinguir a intensidade das transformações dos lugares vivenciados e experienciados pelos personagens, em especial o espaço da Casa Amarela e seu entorno. Trazer essas discussões sobre a caracterização dos lugares no enredo, salienta a importância das experiências e vivências do lugar que tem como ponto de partida os aspectos do cotidiano, a relação com o meio, as identidades espaciais que ao longo da arte literária foram proporcionando ao leitor descobrir os anseios e sentimentos atribuídos ao lugar.

Em relação à literatura, esta teria importância para o estudo geográfico por transcrever as experiências concretas que o autor tem com os lugares, sendo vista assim como resultado de percepção da qual guardará o vestígio. Para Barcellos (2009), o romance é o encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana, isto quer dizer que o romance daria conta não apenas dos aspectos objetivos da realidade, mas também da subjetividade de quem escreve. É por meio desse encontro com o mundo objetivo e a subjetividade que o romance *Julieta, Coisa e tal*, nos aproxima das relações de vivências e experiências com o lugar, a vida dos personagens

proporciona uma compreensão aos aspectos da dinâmica do lugar, estando eles relacionados a memória, pertencimento, sentidos e significados.

Comungamos com Barcellos (2009, p.45) que “os textos literários não podem ser reduzidos a uma mera incorporação de mitos e articulações de ideologias, eles soam muito mais que isso, pois nos comunicamos através deles e entendê-los é entender as mensagens passadas entre os diferentes membros da sociedade”. Ademais, esse autor sublinha apreensão do espaço geográfico pela via do discurso literário do romance como uma imbricação entre o real e o imaginário, entre o objetivo e o subjetivo, nos fornecendo entendimento do discurso literário como forma de representação do espaço real.

É no contexto da Casa Amarela que Osmar Rodrigues Marques encontra liberdade para descrever inúmeras realidades do lugar Caxiense, trazer as vozes dos personagens que nos direcionaram a entender aspectos relacionados à economia, infraestrutura, condições de sobrevivências, dinâmica do lugar, realidade social, assim como a atribuição de valores e significados aos espaços de existências. Trás, enfim, a geograficidade.

Geograficidade é, assim, um termo que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuirmos conceitos a essas experiências. Todos devem conhecer lugares, responder aos espaços e participar na criação (ou destruição) da paisagem, meramente para ficar vivo. Desta maneira a geograficidade é central nas experiências como, por exemplo, admirar pôr-de-sol ou cenário agradável, conduzir um carro através das ruas da cidade, ou escolher uma área, um lugar para se comprar uma casa. (RELPH,1979)

É no reconhecimento da geograficidade que viabilizamos o interesse de conhecer a relação identitária da Casa Amarela para os sujeitos pertencentes ao meio, a ideia tem como objetivo promover uma reflexão a respeito das identidades expressa nas ações dos personagens relacionado ao conhecimento da memória marcante na existência dos indivíduos que conheceram o lugar.

Relph (1979) complementa nossas buscas e encontros no romance. Para ele, os espaços vividos da experiência geográfica são os desta rua da cidade, deste vale, desta paisagem. Todo espaço geográfico é idiossincrático para nós por causa da singularidade de suas formas, superfícies e cores, e devido às características das nossas associações com ele. Todo espaço geográfico também possui inumeráveis formas, porque nossos modos e propósitos se modificam e porque as estações e climas variam. Mas todo espaço geográfico também tem propriedades comuns com outros espaços, porque há uma referência humana comum, porque

...nossas experiências e experiências possuem consistência e porque há similaridades na aparência e no contexto.

A construção do “lugar” ou conjunto de lugares que um romance contém levaria à consideração de que o “espaço” é, ao mesmo tempo, “meio” do sentido e, também, seu “objeto”. É nesse sentido que Monteiro (2002) traduz a concretude do lugar que, qualificado concretamente por um espaço exterior geográfico, seria uma necessidade corpórea, que se realiza num *continuum*, *i. e.*, em um local mais ou menos definido e que a percepção do leitor tende a identificar uma realidade concreta, geográfica.

O espaço pertencente ao enredo reforça a ideia de que o lugar constitui a existência humana, as relações cotidianas presentes dentro e fora da Casa Amarela permitiram uma interpretação das vivências como um elemento de construção dos laços afetivos. O elo existente entre os integrantes e frequentadores daquele lugar caracteriza um conhecimento relevante das relações sociais, ao passo que a cumplicidade e partilha de experiências qualificam a manutenção e permanência dos lugares habitados

Entre os espaços da vida, próximos ou distantes, ou ainda imaginados, todos os territórios vividos e/ou pensados são através de categorias que se referem a situações da experiência relacional de vida. Esses aspectos foram abordados por Almeida (2018), portanto, é pela reconstituição das tramas do imaginário espacial que se compreende como instalam e desenvolvem os gêneros de vida sobre os territórios e as práticas que resultantes deles.

Com efeito, lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos. Para Mello (2008), conciliar, entender e decodificar o conteúdo simbólico de magnitudes diferenciadas como pátria, prédios, ginásios e as simples pedras do caminho são as tarefas a serem empreendidas nessas relações inaugurais.

A nova geografia cultural, empreendida pela ‘virada’ proposta por, dentre outros, Paul Claval (2013)) portanto, enfatiza a necessidade de se estudar as diferentes perspectivas e entendimentos sobre como o espaço real e o imaginário são constituídos, construídos, organizados e entendidos e, também, como estes se relacionam e se contrapõem por meio das diferentes representações do espaço geográfico. Aqui, afirma Costa (2008), o espaço “constituído” pelas diferentes mídias, é entendido enquanto particularmente rico para o entendimento do simbólico, da representação do real e da relação identidade e espaço, em suas diversas manifestações.

Porém se o saber geográfico deve ser visto como uma empreitada de elucidação relevante a partir da experiência de uma participação primordial, vivida sem poder ser expressida, agora o discurso encarregado de conduzir essa elucidação não poderá, para chegar a transcrever esse

encontro mundo de um universo de sentidos, se contentar com um único registro referencial.

Sim, para Dardel (2015), o saber geográfico dá forma a uma emoção, o que significa dizer que ele ordena a memória: para restituir a própria natureza desse choque, para guardar intensidade, a linguagem deverá ir direto à presença da imagem a seu poder de evocação e de fixação de uma direção do sentido.

A experiência geográfica, nesse sentido, vai muito além do real. Os homens têm a capacidade de falar de lugares que eles nunca viram e que talvez não existam. Não é o caso de Rodrigues Marques que, habitando no Rio de Janeiro, romanceou suas memórias. Mas, para Claval (2015), sobre lugares que talvez nunca tenham existido, ele afirma que eles podem atribuir propriedades que faltam aos espaços conhecidos. O imaginário que eles constroem dessa forma - e que é própria de cada cultura, dá ao mundo uma dimensão poética, indica as regras a serem respeitadas, mostra para que direção deve tender a ação humana e confere um sentido à existência dos indivíduos e dos grupos.

ABORDANDO AS APROXIMAÇÕES NO ROMANCE

Existem literaturas geográficas que, em sentido stricto, pode-se afirmar serem aquelas que foram obra de geógrafos no exercício de seu labor; e existem as outras literaturas de interesse geográfico, frutos de intenções criativas, nas quais o geográfico aflora de modo indireto, como parte de uma ficção, do imaginário, de uma sensibilidade do autor para ler a paisagem, o lugar e o mundo. (ALMEIDA,2010, p.141) O encontro geográfico com o imaginário de Rodrigues Marques em Julieta, Coisa e tal proporcionou a pesquisa desfrutar da sensibilidade e percepção para descrever o lugar. Na trama foi possível observar assuntos relacionados a economia, extrativismo vegetal, migração, gastronomia, entre outros. Assim, a criatividade para relatar a realidade do local ancorada nas vivências da Casa Amarela favoreceu analisar o lugar Caxiense como espaço de inspiração e liberdade.

No romance Julieta, Coisa e tal, procuramos entender assuntos relacionados a construção do sentimento de pertencimento associado ao lugar que acontece o enredo. Essa foi uma razão relevante no conhecimento dos assuntos relacionados às vivências cotidianas e aspectos da realidade humana junto à sociedade. Afinal, podemos observar nas obras romanescas os aspectos da razão e emoção, o individualismo apresentado no enredo nos momentos em que anseios de pertença e o convívio com o lugar fortalecem a ideia da percepção e modo de ver e sentir a vida em sociedade.

Há uma vertente dessa leitura literal que concebe o romance mais como o testemunho das pessoas “reais” que ele traz para cena sob a capa da ficção, e não, necessariamente, como o reflexo fiel de uma realidade geográfica, tal como expõe Brosseau (2007). Para ele, o romancista seria então um porta-voz das populações cujos gêneros de vida descreve. Ele nos mergulharia nas atitudes, nos valores e conflitos das pessoas de uma região determinada, face ao seu meio ambiente.

Na essência do pensamento de Brosseau encontramos no romance o testemunho da realidade do lugar, os aspectos relacionados às vivências e experiências da população caxiense foram relatados ao contextualizar a vida dos personagens. Também, as práticas e ações oriundas da efervescência dos cabarés foram sinalizadas através da existência de Julieta, uma jovem migrante que chega a Caxias - MA com o objeto de encontrar subsídios para a manutenção de sua existência, encontrando no prostíbulo Casa Amarela o suporte necessário para atender suas necessidades.

Para Marandola Júnior (2010, p.344), “nesses lugares, o tempo é movimentado a partir de um ponto, uma densidade espacial que eleva o geográfico à sua condição essencial da experiência e da existência humana. Os lugares aqui não revelam apenas localizações, mas são parte da mesma trama intertextual movimentada pelo autor para compor os seus instantes. Eles próprios são fios que desvelam o mundo revelado no texto”. O cotidiano foi um viés importante para o autor desvelar o lugar Caxiense, as ações do meio tornaram-se os elementos fundamentais para a contextualização de ideias, podendo assim mencionar o comportamento da sociedade junto às práticas e atuações das moças que habitavam a Casa Amarela, o fluxo populacional ao entorno do espaço onde estavam situados outros prostíbulos entre eles Calçada Alta e Boate Madri; o reconhecimento das praças como espaços de encontros e diversões, as igrejas católicas como lugares de referências e adorações, o mercado central com intenso fluxo populacional e econômico, e a exuberância dos casarões como espaço de memórias habitadas.

O sentimento de pertencimento apreendido no romance Julieta, Coisa e tal, foi um encontro de sensações e emoções diversificadas. Em todo o enredo a vida dos personagens é posta como um elemento significativo a ser apreciado pelo leitor. As falas e expressões cotidianas provocam uma aproximação com suas vivências anteriores, algo que possibilita uma reflexão sobre o significado e singularidade dos lugares na vida de cada integrante.

Só, sem destino, lenta, sem pensamentos na cabeça, ou muitos, embaralhados, entrou por uma rua de calçamento rude, saiu em outra, passou por becos imundos, pontilhões. Numa esquina viu redes abertas e coloridas à espera de compradores, muitos homens idosos jogando gamão. Em frente a um talhão de bilhar



leu as palavras de um cartaz: “Consulte o bolso antes de pagar no toco”. Quase tropeçou num homenzarrão com um amarrado de galinhas numa das mãos, a outra na cintura, olhando dois rapazes jogando bilhar. Passou por uma praça onde as palmeiras morriam de velhice e a grama secava sem tratamento. E, nos bancos, rapazes e moças em algazarra uniformizados, os livros amontoados nos canteiros, fazendo gazeta (MARQUES, 1986. p. 46).

A descrição dos lugares demonstra a atenção e reconhecimento do espaço, a sensação de percorrer os becos e travessas da cidade pode ser considerada como um momento de encontro e intimidade com a realidade do meio, a sensibilidade de entender a dinâmica do lugar, é um elemento significativo ao contexto do romance, Rodrigues Marques oferece a compreensão de suas experiências com a cidade de Caxias, percebida pelos percursos na cidade descritos através das experiências das moças da Casa Amarela com os lugares. Assim, ele transmite suas vivências com o meio, dentre as quais, a rua da Areia onde o prostíbulo estava situado, a igreja de São Benedito como espaço de devoção, os cemitérios próximos a área central da cidade, como mostrado nas fotos contemporâneas à época dos fatos descritos no romance (Figura 1).

Figura 1- Lugares da trama de Julieta Coisa e tal.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Caxias.

As fotos elencadas estão postas no sentido de entender a trajetória de Rodrigues Marques nos espaços citados na obra. A praça São Benedito (1) era um lugar de intenso fluxo populacional, principalmente no período de festividade, a Prefeitura Municipal de Caxias (2) localizada na área central da cidade, apresentava relevância significativa na dinâmica do lugar,

em decorrência do intenso fluxo populacional. O cemitério dos Remédios (3) qualifica um lugar de referência, pois o autor caracteriza esse espaço como o local de sepultamento de integrantes da Casa Amarela e, a Praça Panteon (4) ganhava reconhecimento por ser um ambiente de sociabilidade para a população da cidade.

Foi possível perceber que as lembranças estão aprisionadas no sentimento de pertencimento. O ser humano, em suas ações existenciais, tem a tendência de recordar lugares vividos e experienciados, lugares que por algum motivo foram responsáveis pela construção afetiva e identitária. Talvez, uma das intenções do autor narrar a vida de Julieta seria realizar uma descrição da realidade dos indivíduos associados às suas simbologias, ao pertencimento aos espaços percorridos, como uma alternativa de aproximar seus desafios e emoções serem interpretadas como uma manifestação relacionada aos anseios da sociedade.

Era verdade: não conhecia mesmo Caxias. Conhecia somente a Rua da Areia, meia dúzia de outras, os becos mais próximos, umas duas praças. Da praça Gonçalves Dias tinha uma lembrança muito triste encravada na alma: assim que chegou de Imperatriz, deu vontade de sentar num banco do jardim para ver as moças e os rapazes passando, os namorados repetindo o mesmo percurso horas seguidas. Um guarda a expulsou da praça. – “Mas eu estou só apreciando. – Seu lugar é lá na zona”. – “Mas eu não estou fazendo nada demais, só olhando” O guarda a arrastou pelo braço e a deixou no largo da igreja do Rosário. – “Agora suma. A praça Gonçalves Dias é lugar de moça e não de rapariga igual a você”. (MARQUÊS, 1986. P.45)

As praças eram lugares de intensa inspiração para os poetas e romancista. Cremos que a ideia de descrever a dinâmica desses espaços proporciona ao leitor a compreensão e reconhecimento do meio, no romance Julieta, Coisa e tal, a praça Gonçalves Dias ofereceu a Rodrigues Marques a oportunidade de relatar uma crítica social. Por meio de uma abordagem relacionada às mulheres em exercício de prostituição, ele menciona a ação do guarda que expulsa a jovem do banco da praça, enfatizando a negação de direito a frequentar aquele espaço de intenso fluxo populacional.

Em uma arte literária a geografia tem o interesse de apreciar suas contribuições ao conhecimento da realidade, interpretar a categoria lugar nas vivências romanescas e isso dignifica sua capacidade de influenciar outras ciências. É na literatura que a contextualização do vivido encadeia o sentido dos espaços de liberdade, pois é através dos diálogos, contos e poesia que o autor adquire o anseio de expressar suas inquietações.

Julieta respirou fundo, encheu os pulmões. Da esquina vinha o cheiro de suco de maracujá preparado para o refresco. O cheiro

de laranjas descascadas. Pitombas em cachos enchiam um tabuleiro. O vendedor de refresco raspava com um ralador de alumínio a barra de gelo que depois acrescentava a bebida de um ou outro freguês. Era quase madrugada e o céu sem estrelas. O vento morno levantava a areia da rua, rodopiava com as folhas secas caídas da cajazeira do terreno em frente. Lembrou-se de Maria Gorda: Maria Gorda gostava de madrugadas iguais àquela. A primeira vontade que lhe vinha, em noites assim, era a de sair para comer um peixe num bar bem distante, num ambiente calmo, parecendo estar sempre fugindo. “Vamos, Julieta. Uma noite dessas merece um peixe com muito molho e muita pimenta de cheiro.” (MARQUES, 1986. p.52)

A construção identitária de Julieta com lugar Caxiense pode ser observada de diferentes maneiras. Em todo o enredo a personagem expressa suas maneiras de ver e sentir o lugar, os valores são atribuídos em decorrência das vivências e experiências e, nesse sentido, é possível observar que a personagem aprecia, em suas andanças pelas ruas da cidade, as características naturais dos espaços percorridos, como na passagem em que, perdida em pensamentos e lembranças de sua amiga Maria Gorda, descreve a exuberância das paisagens, proporcionando ao leitor captar que a essência afetiva era um elemento primordial dos lugares.

Julieta observava tudo com festa nos olhos. Caminhões passavam pela estrada em frente, carregados de arroz e babaçu. O empregado trouxe duas doses de tiquira e depois foi jogar água na estrada para evitar a poeira. Maria Gorda quis saber: Gostou do lugar? (MARQUES, 1986.p.17)

A geografia pode pensar o lugar para além de sua estrutura material, o lugar aprecia diferentes situações e realidades que são construídas aos anseios de viver e experienciar. A trajetória de Julieta e demais personagens concede o sentido do lugar em seus aspectos individuais e coletivos, embora os indivíduos encontrem a necessidade de habitar o mesmo espaço, a maneira de sentir e pertencer ganha dimensões distintas, logo o percurso do enredo convida o leitor a perceber a função do lugar para a vida do escritor, a realidade favorece a construção imaginária, que em uma abordagem literária disponibiliza a geografia o suporte necessário para o conhecimento da dinâmica do lugar Caxiense.

- As bases serão frequentadas só por garotas que nunca estiveram em cabarés...E só por homens que não possam ser vistos na zona. Uma mulher de confiança sua ou minha tomará conta do negócio...Você só vai lá, uma vez ou outra, para inspecionar. Se der certo – que eu sei que vai dar - você abre outra na Trezidela, depois no Alto da Seriema, no Pé da Ladeira...Vai abrindo bases...Vai abrindo bases...Quando você menos espantar, não

digo que esteja rica, mas, pelo menos, remediada eu sei que vai estar...E vai ter todo o meu apoio financeiro. Enquanto você proceder bem você pode contar comigo para o que der e vier...
(MARQUES, 1986. p. 79)

Ainda no contexto das discussões da categoria lugar junto ao romance em estudo, é importante ressaltar as ideias da espacialização descrita pelo autor, as dimensões e simbologias dos bairros estão ancoradas a sua capacidade de oferecer suporte econômico e reconhecimento aos novos empreendimentos, assim podemos compreendermos que o bairro Trizidela era um importante lugar para o acesso a área central da cidade, o alto do Seriema era um espaço de intenso fluxo populacional em decorrência das ações comerciais, e o Pé da Ladeira era local de concentração nos momentos de festividades.

A dinâmica dos cabarés foi para nós um elemento significativo para o conhecimento geográfico. O histórico de suas existências foi constatado pelas buscas documentais e registros fotográficos levantados, bem como pela memória de entrevistados, demonstrando-nos a capacidade da construção dos lugares atrelados à condição humana. Pelo viés literário tivemos a oportunidade de conhecer a área central onde estavam localizados os antigos prostíbulos da cidade de Caxias, a influência da igreja católica no sentido da espacialidade, o mercado com a capacidade de atração econômica, os cemitérios, a interligação das ruas no fluxo comercial, a cidade como um lugar de construção identitária, e a casa como um espaço de diversas simbologias.

A cerveja quente esquentava mais no copo. A empregada trouxe uma bacia e colocou-a no chão sob uma goteira. Disse que se tivesse de colocar bacia em tudo que era goteira não ficaria uma só nos cômodos das mulheres. Olhando pela moldura da Janela os galhos agitados de um cajueiro, Julieta perguntou as horas para dizer alguma coisa. - Nove. - Hoje vai ser pior ainda do que ontem. - Os homens estão aproveitando a chuva para chocar as mulheres em casa. Julieta riu com as palavras da empregada e derramou a cerveja quente do copo na bacia da goteira
(MARQUES, 1986. p. 7)

A infraestrutura do lugar habitado por Julieta e demais integrantes da Casa Amarela, ganha destaque nas abordagens do autor, as condições físicas do recinto encontrava-se em situação desfavorável para habitação, com estruturas frágeis de madeiras dividindo os cômodos, e goteiras em toda extensão do espaço, justifica serem as noites chuvosas um fenômeno ameaçador para permanência dos integrantes e frequentadores do lugar.

[...] E se aquela chuva não parasse tão cedo? Os homens não iam deixar suas casas para enfrentar o aguaceiro e embarafustar no

salão e nos quartos das pensões. Um ou outro motorista de caminhão, impossibilitado de continuar viagem, seria capaz de aparecer por ali, batendo com força nos ladrilhos as botas enlameadas, sacudindo a capa (MARQUES, 1986. p.7)

A rua da Areia, onde situava a Casa Amarela, ganhou tal nomeação pelas características de ser à época, a principal via de acesso ao centro da cidade de transporte de pessoas e mercadorias, conhecida popularmente como rua que direcionava para os cabarés, ou rua dos cabarés. Isso foi possível perceber através das vozes e expressões dos personagens sobre a influência da estrutura do lugar a dinâmica do meio, como nos dias chuvosos diminuía o fluxo de pessoas ao prostíbulo, trazendo momentos de incertezas para todos os envolvidos.

O passado torna-se instrumento de conhecimento das práticas cotidianas dos indivíduos. Conhecer as histórias e experiências no romance analisado proporcionou compreensão sobre a relevância de lugares em determinado espaço e tempo. A capacidade de descrever suas antigas vivências fortaleceu o reconhecimento da relação com o meio, e nessa busca para compreender as práticas humanas, encontramos no romance Julieta, Coisa e tal os elementos necessários para compreender a construção da categoria lugar.

Diante disso questionamos como o fez Monteiro (2002, p.13) “que isomorfismo poderíamos querer encontrar em coisas tão díspares quanto a Crítica Literária e a Geografia uma vez que a Literatura é “criação artística” e a Geografia é, ou pelo menos pretende ser, “construção científica”? A noção de localização espacial configurada no “lugar” aparece como denominador comum no princípio dessa possível aliança”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar as questões posta no exercício de análise da geografia no romance Julieta Coisa e tal, acompanhamos a formação do pensamento geográfico sobre a literatura, suas tentativas de incorporação e a forma como hoje, geógrafos e literatos, têm convergido em busca da compreensão da espacialidade e da geograficidade nas obras ficcionais. Este caminho nos levou a um número significativo de trabalhos que têm sido realizados por geógrafos e literatos, no Brasil e em outros países, aos quais procuramos visitar através da revisão apresentada por Marandola Júnior e Livia de Oliveira (2009) e que nos possibilitou compor uma visão abrangente desta fronteira interdisciplinar entre as dimensões espacial e cultural nas obras literárias.

A capacidade da literatura recriar a realidade oferece ao pensamento geográfico elementos favoráveis para compreender ideias e conceitos de uma sociedade, conhecer a dinâmica de diferentes lugaridades através dos escritos romanescos e, ainda, proporcionar à geografia uma investigação relacionada aos aspectos socioeconômicos e espaciais. Nesse sentido é importante ressaltar a sensibilidade do mundo literário para descrever as ações dos indivíduos e realizar uma aproximação de diferentes realidades, sentimentos e emoções.

Pelas descrições dos lugares é possível avaliar quanto a experiência humana é uma temática relevante na literatura e, é nesse sentido que o comportamento se tornou fundamental para o estudo das relações do meio, assim como um elemento que direciona a observação sobre detalhes dos lugares, lugares estes com simbologias e significados diversificados, que ao contexto da temporalidade sedimenta as relações afetivas e sentimento de pertencimento.

O diálogo entre geografia e literatura pode acontecer de diversas formas. Três pontos comuns nas abordagens literárias e geográficas podem ser destacados: a dimensão espacial, a dimensão temporal e a atuação dos sujeitos sociais. Um caminho interessante é contextualizar o papel de alguns/algumas personagens importantes com conceitos geográficos relevantes, como paisagem e lugar (CASTRO, 2015, p.39). Portanto a literatura oferece à geografia o suporte necessário para entender os relatos da dinâmica regional, partindo da ideia de que os romancistas encontram no lugar inspiração para descrever a paisagem, analisar territórios, e vivenciar o espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org) **Geografia e literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação**- Londrina: EDUEL, 2010. P. 141-161.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia Cultural-um modo de ver**/Maria Geralda de Almeida-Goiânia: Gráfica UFG, 2018. 384p.: il.

BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço, Lugar e Literatura - O olhar geográfico Machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 25, P. 41-52, JAN./JUN. DE 2009.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Org). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ. 2007. p. 17-77.

CASTRO, J. R. B. Paisagens e visões místicas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar Morto”, de Jorge Amado. **Geograficidade**, Niterói, v.5, n.2, p. 38-51, 2015.



COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. **Paisagem e simbolismo**: Representando e /ou vivendo o “real”. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, p.157-166,1993-2008.

COSTA, Otávio. **Memória e Paisagem**: Em busca do simbólico dos lugares. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, p.149-156,1993-2008.

CLAVAL, Paul. A virada cultural e geografia In: ALMEIDA, M. G. de; ARRAIS, T. A. (orgs.) **É geografia, é Paul Claval**. Goiânica: Funape, 2013. P.92-105.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens**: a geografia/Paul Claval; tradução Domitila Madureira1. Ed; 2 reimpressões. – São Paulo: Contexto, 2015

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**/Eric Dardel. Tradução Werther Holzer.- São Paulo: Perspectiva, 2015.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v.25, n.49, p7-26, 2010.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n.3, p.487-508, set./dez.2009

MARQUES, Osmar Rodrigues. Julieta Coisa e Tal. Rio de janeiro: Editora Jornal de Letras,1986.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos Lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, p.167-174,1993-2008.

MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis; Editora da UFSC, 2002.

RELPH, Edward Charles. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Geografia, v. 4, n. 7, 1979.

SOUZA, Jamescley Almeida. **Literafia**: O diálogo entre a Literatura e a Geografia- 1. ed.- Manaus, AM: Ed. do Autor, 2021.136p.